

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A TRAJETÓRIA DE LEO WAIBEL COMO PESQUISADOR

Virgínia Elisabeta Etges
Boletim Gaúcho de Geografia, 28, n.1: 15-24, jan., 2002.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39931/26260>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2002

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A TRAJETÓRIA DE LEO WAIBEL COMO PESQUISADOR

Virginia Elisabeta Etges*
UNISC/RS

Leo Waibel é conhecido como um dos principais geógrafos alemães do século XX. A partir do referencial teórico e metodológico da Geografia Econômica alemã, Waibel exerceu forte influência na Geografia Agrária brasileira, fruto de suas atividades de pesquisa no país no período de 1946 a 1950. A sua obra, entretanto, mantém-se atual e está presente na discussão de temas relevantes da realidade riograndense e brasileira como, por exemplo, a Reforma Agrária.

Portanto, nada mais oportuno do que rever e analisar obras de autores que, em décadas passadas, tiveram como preocupação central de suas pesquisas temas que continuam relevantes até hoje e, sobretudo, tentar resgatar a atualidade das mesmas. Este foi o objetivo do Seminário em homenagem a Leo Waibel, realizado no Memorial do Rio Grande do Sul, no dia 14 de dezembro de 2001.

A trajetória de Leo Waibel, como pesquisador, pode ser apresentada em três fases, marcadas pela realidade de três continentes, como se observa a seguir:

1ª fase: África – período de 1910 a 1920: ênfase em estudos sobre a natureza e o homem nos trópicos, com base no mundo das plantas e dos animais; engajamento no projeto imperialista do Estado alemão (*Die Kolonialen Aufgaben*).

2ª fase: Europa – período de 1920 a 1938: ênfase na Geografia Econômica, com a elaboração do conceito de formação econômica e nas formulações antiracistas, com destaque para a análise sobre os Treckburen na África do Sul, publicado no *Probleme der Landwirtschaftsgeographie* em 1933, ano da ascensão de Hitler ao poder. Período, portanto, em que Waibel se afastou dos objeti-

* Profa. Dra. em Geografia, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC/RS.

vos do Estado nazista, o que resultou na perda de sua cátedra junto a Universidade de Bonn.

3ª fase: América – 1939 a 1950: período em que Waibel viveu no exílio, inicialmente nos EUA e depois no Brasil, no qual abandonou o conceito de formação econômica, passando a ter como preocupação central o tema colonização: engajou-se no “Projeto N” do governo norte-americano, que visava estudar as possibilidades de assentamento de refugiados europeus no continente americano. Período também marcado pelas importantes contribuições à Geografia no Brasil, principalmente no tocante ao uso da terra nas áreas de imigração européia.

No período em que permaneceu no Brasil (de 1946 a 1950), como assessor técnico do Conselho Nacional de Geografia - CNG, Waibel dedicou-se exclusivamente à pesquisa, trabalhando temas de grande importância para a época, como **colonização e uso da terra** em áreas consideradas “vazios populacionais” até então e, especificamente nas pequenas propriedades no sul do Brasil. Nas suas excursões por diferentes regiões do país sempre esteve acompanhado de jovens geógrafos brasileiros, que passaram a ser influenciados, tanto pelo seu referencial teórico, quanto por sua metodologia de trabalho.

Já no contexto de seu país de origem, Leo Waibel foi um dos geógrafos mais importantes, sendo consenso entre os seus discípulos alemães que foi nos trabalhos realizados no Brasil que o geógrafo expressou, de forma mais elaborada, a sua preocupação com o papel das zonas tropicais, enquanto áreas de produção agrícola, para o futuro da humanidade. Ingrid Hönsch, que desenvolveu sua tese de doutorado em Geografia sobre a obra de Waibel, junto a Universidade de Potsdam, afirmou que “o período de Waibel no Brasil não representou somente seu “ganha pão” na época, senão constituiu-se no ápice de toda a sua produção científica. Não há dúvida de que as questões sobre a Geografia aplicada se constituíam num desafio para Waibel, na medida em que ele teve oportunidade de aplicar na prática todas as suas ricas experiências de conhecimentos teóricos”.¹

Isto tornou-se evidente também no discurso proferido pelo próprio Waibel, por ocasião de sua despedida em 1950, no Rio de Janeiro, quando afirmou que “sendo o Brasil a última grande reserva de terras virgens no mundo ocidental, o problema de como aproveitar este país, com seus extensos espaços desabitados, torna-se não somente um problema brasileiro de primeira magnitude, mas diretamente um problema mundial. E foi este o problema que me trouxe ao Brasil, o *leit motiv* de todo o meu trabalho aqui”.²

¹ Em carta dirigida ao Professor Dr. G. Mertins, datada de 27.07.93.

² WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p.315.

Todavia, nem toda a produção de Waibel no Brasil se encontra publicada. No livro "Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil", publicado pelo IBGE em 1958, e em 1979 em segunda edição, aparecem os seguintes trabalhos: "Uma viagem de reconhecimento ao sul de Goiás"; "A elaboração de um novo mapa de vegetação do Brasil"; "A vegetação e o uso da terra no Planalto Central";³ **"Princípios da Colonização Européia no sul do Brasil"**;⁴ "As Zonas Pioneiras do Brasil"⁵ e "O que aprendi no Brasil"⁶.

Além destes, existem uma série de diários de viagens, em forma de manuscritos, que certamente teriam sido objeto de publicações futuras, programadas pelo autor para depois de sua volta à Alemanha. Mas este objetivo não mais se concretizou, na medida em que a morte se antecipou, deixando aos seus discípulos e colaboradores a tarefa de reunir os seus manuscritos e divulgá-los, na medida do possível.

A própria publicação de "Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil" foi resultado da iniciativa e do empenho de Orlando Valverde em publicar, em forma de livro, pelo menos parte dos trabalhos que Waibel realizou no Brasil. Por isso, o livro constitui-se numa coletânea de textos, incluindo alguns que já haviam sido publicados anteriormente, e outros inéditos até então.

Segundo Gottfried Pfeifer, com exceção de alguns textos, a obra de Waibel produzida no Brasil também não é conhecida fora do país. Trata-se de minuciosos diários de viagens, um extenso trabalho sobre colonização no sul do Brasil, e dos rascunhos de uma grande obra sobre as possibilidades de colonização no país, sobre cujo conteúdo nem os geógrafos mais próximos a Waibel estavam informados em 1952.

Pfeifer concluiu dizendo que, mesmo tendo acompanhado as últimas viagens de Waibel no Brasil, não conseguiu inteirar-se de toda a sua produção nesta época, tarefa esta que ficara transferida para um trabalho conjunto posteriormente na Alemanha, mas que não pôde se efetivar mais.⁷

Esta afirmação vem confirmar que a preocupação com a colonização, no sentido de encontrar espaços onde refugiados da guerra na Europa pudessem ser instalados, (esta era a preocupação principal de Waibel durante sua permanência nos EUA) e no sentido de ocupar imensos "espaços vazios" (caso do território brasileiro na época), continuou sendo a preocupação central nas suas pesquisas no Brasil.

³ Anteriormente publicado na Rev. Bras. de Geografia, X, nº3, jul-set. 1948. p.335-380.

⁴ Anteriormente publicado na Rev. Bras. de Geografia, XI, nº2, abr-jun. 1949. p. 159-222.

⁵ Anteriormente publicado na Rev. Bras. de Geografia, XVII, nº4, out-dez.1955. p. 389-442.

⁶ Anteriormente publicado na Rev. Bras. de Geografia, XII, nº3, jul-set. 1950. p.419-42.

⁷ PFEIFER, Gottfried. Das Wirtschaftsgeographische ... S.1.

Neste contexto, pode-se destacar quatro conceitos principais da sua obra: **Paisagem Cultural, Formação Econômica, Colonização e Uso da Terra.**

Os dois primeiros correspondem às fases africana e européia de sua produção científica, enquanto os dois últimos referem-se à fase americana, através dos quais também analisamos a influência do pesquisador na Geografia Agrária brasileira.

O tema **colonização** foi o centro de suas pesquisas dentro do "Projeto N" do governo norte-americano, e que mais tarde tornou-se também a preocupação central de seus trabalhos no Rio Grande do Sul e outros estados do sul do Brasil.

O tema **uso da terra** adquire relevância nos trabalhos de Waibel na medida em que ele concluiu que o sucesso (ou insucesso) dos projetos de colonização no Brasil estavam diretamente relacionados ao tipo de uso da terra praticado pelos colonos, aspecto este que foi a principal característica das diferentes paisagens culturais identificadas pelo autor nas áreas de colonização no território brasileiro e, mais especificamente no Rio Grande do Sul.

Em seu discurso de despedida, em 1950, Waibel afirmou que:

Há no Brasil três tipos de uso do solo: a grande lavoura, o pastoreio e a pequena lavoura. Estes tipos não constituem apenas sistemas agrícolas de interesse só para o agrônomo, mas são ao mesmo tempo instituições econômicas, sociais e culturais, que têm interesse tanto para o sociólogo, quanto para o historiador ou geógrafo. Para este têm estas instituições a maior importância, porque delas depende o aspecto da paisagem agrária. Além disso, elas influem nos tipos de habitação, de povoamento, e em todo nível de vida da população. Por esse motivo, o geógrafo, pela observação da paisagem cultural, pode dar grande contribuição ao estudo dos sistemas agrícolas.⁸

Dos três grandes sistemas agrários empregados no Brasil, afirmou Waibel, o da grande lavoura é o mais conhecido. Este sistema é o que produz, com a aplicação de grande quantidade de capital e mão-de-obra, produtos comerciais de alto valor para o mercado mundial. Ele é conhecido nos livros ingleses pelo nome de *plantation system*.

O segundo sistema, isto é, o pastoreio, tem sido objeto de pesquisas geográficas ou sociais numa escala muito mais reduzida, apesar de ter desempenhado papel muito importante na história e na economia do país. Existe grande variedade de tipos de fazendas de gado, que apresentam uma distribuição geográfica lógica, dependente sobretudo da distância dos mercados e também do clima e da vegetação, complementou o autor.

Continuando, afirmou que o terceiro sistema agrário, ou seja o da pequena lavoura, é ao mesmo tempo o enfeitado e a criança-problema da agricultura brasileira. Enfeitado, porque poucas vezes tem sido tratada na literatura a ma-

⁸ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p. 318.

neira pela qual são cultivados os cereais; e criança-problema, porque ela é fundamentalmente responsável pela subnutrição do povo. "A este sistema desprezado, dediquei minha atenção principal."⁹

Waibel, na época, já tinha uma compreensão bastante aprofundada da complexidade do quadro agrário brasileiro, fundamentada em suas observações empíricas, ou seja, a partir da sua experiência com a agricultura européia, principalmente a alemã, ele compreendia que desenvolvimento capitalista da agricultura não necessariamente significava expropriar os produtores familiares camponeses dos seus meios de produção. Ao contrário, acreditava que num país com tamanha disponibilidade de terras agricultáveis e de condições climáticas tão favoráveis, a pobreza no campo não fazia sentido. Constatou, com apreensão, no entanto, o uso completamente inadequado da terra nas pequenas propriedades, a partir da identificação dos três sistemas agrícolas, abordados no capítulo anterior.

Tendo como referência, portanto, a noção de *minimale ackernahrung*, ou seja, "a mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural decente", Waibel afirmou que alguma coisa estava errada na colonização européia do sul do Brasil.

Tanto na literatura nacional quanto na estrangeira, disse Waibel, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam esses sistemas no campo, faz-se uma observação chocante: a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego. O colono chama este sistema de **roça** ou **capoeira**; na literatura geográfica é geralmente conhecido como **agricultura nômade** ou **itinerante**, enquanto na linguagem dos economistas rurais, é chamado de **sistema de rotação de terras**.

Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades. A aplicação do sistema indígena de rotação de terras no Brasil, assim como em todos os outros países latino-americanos, significou a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária. Poucos brasileiros parecem estar cientes das enormes conseqüências que esta separação teve para toda a vida do país. Acarretou ela, de um lado, a criação extensiva e primitiva do gado e, de outro, uma igualmente extensiva e primitiva lavoura.

⁹ WAIBEL, Capítulos de Geografia ... p. 318.

Se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos, afirmou Waibel. O termo extensivo quer dizer que dos três fatores da produção – terra, capital e trabalho – a terra é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional; não obstante, eles aplicaram logo, desde o princípio até hoje, o sistema extensivo de rotação de terras.¹⁰

Waibel entendia por sistema agrícola

*a distribuição espacial e cronológica das espécies de culturas sobre toda a área cultivada, segundo determinados princípios, sendo que sob "espécies de culturas" ficam entendidas todas as áreas de utilização, como florestas, prados naturais, pastos, campos de cultura, etc. Esses sistemas não são de maneira nenhuma arbitrários, mas dependentes de condições naturais, legais e econômicas especiais, variando, em consequência, de região para região.*¹¹

Portanto, tendo constatado que o sistema agrícola predominante era a rotação de terras extensiva, em propriedades cujo tamanho médio era de 15 a 20 hectares, Waibel concluiu que esta era uma das principais causas da precária condição de vida da maioria dos descendentes de imigrantes europeus no sul do Brasil. E, para aprofundar a análise da questão, introduziu a noção de *minimale Ackernahrung*. Este, afirmou Waibel, "depende principalmente de dois fatores: as características da terra e o sistema agrícola que o lavrador deverá aplicar."

Colocou então a pergunta fundamental:

Qual é, ou deve ser, o minimale Ackernahrung para um colono do sul do Brasil que quer aplicar o sistema de rotação de terras? Para responder à pergunta, temos que fazer um pouco de estimativa.

É do consenso geral que, nas terras florestais do Brasil meridional, uma família composta de cinco a sete pessoas precisa de cinco hectares efetivamente em cultivo para manter um nível de vida decente.

Suponhamos que os primeiros cinco hectares derrubados sejam usados para cultura apenas durante um ano, depois deixado em repouso durante três anos. Neste caso, o agricultor precisaria de 5 mais 15, ou sejam, 20 hectares. Se ele deixasse a capoeira crescer durante 6 anos, precisaria então de 5 mais 30, ou 35 hectares, e assim por diante. Quanto mais tempo os campos já cultivados ficarem em capoeira, tanto melhor será para a restauração do solo e, naturalmente, tanto mais terra será necessária ao agricultor. O caso ideal seria adiar o novo cultivo da capoeira até que a fertilidade original do solo tivesse sido restabelecida. Segundo a opinião da maioria dos colonos com quem conversei, isto exigiria 10 a 12 anos em terras boas e 15 a 20 anos em terras pobres. Decorrido esse tempo, a capoeira se terá tornado alta e densa, formando uma mata secundária, denominada capoeirão.

¹⁰ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia... p.244-245.

¹¹ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ...p.33.

Podemos agora responder à pergunta do mininale Ackernahrung. Deveria ser entre $55 = (5 \times 10 + 5)$ e $65 = (5 \times 12 + 5)$ hectares em terra boa, e entre $80 = (5 \times 15 + 5)$ e $105 = (5 \times 20 + 5)$ em terra ruim.¹²

Apesar do valor aproximado destes números, que variam consideravelmente de acordo com a topografia e as condições do solo, Waibel afirmou que

eles provam claramente que o tamanho de 25 a 30 hectares é pequeno demais para a aplicação do sistema de rotação de terras. A consequência é que o colono tem que usar uma rotação de terras muito mais curta e cultivar sua capoeira cada seis, cinco ou mesmo três anos. Daí resulta que os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala.¹³

A deterioração da terra e da gente é ainda mais acelerada pela freqüente divisão dos lotes originais entre os herdeiros. Em muitos lugares, os colonos atualmente só possuem metade ou um quarto de lote, isto é, 15 ou 7 hectares, e ainda usam o sistema de rotação de terras. “Embora trabalhando duramente, esta pobre gente apenas consegue vegetar numa existência miserável”, concluiu Waibel.

A outra constatação de Waibel, neste contexto, foi que

os colonos são pouco ligados à terra de seus antepassados. Vendem-na ou a deixam logo que há uma oportunidade. Esta atitude é resultado direto do sistema de rotação de terras e se assemelha ao hábito nômade do caboclo ou do índio. (...) Essa gente emigra não tanto por causa do aumento da população, mas em consequência da deterioração da terra. É interessante notar que especialmente os alemães são pouco arraigados aos seus lares e à sua terra. A teoria de Hitler de Blut und Boden ou “sangue e solo” certamente não foi posta em prática no Brasil meridional.¹⁴

Na realidade Waibel, ao contrário de outros autores, não se valia dos conceitos da Economia Política para explicar a realidade em que viviam os descendentes de imigrantes europeus no sul do Brasil, movida, em grande parte, pela própria dinâmica contraditória que o desenvolvimento do capitalismo vem apresentando no quadro agrário brasileiro.

Vários autores têm se debruçado sobre esta temática nas últimas décadas, procurando compreender este processo contraditório.¹⁵

José de Souza Martins coloca a questão da seguinte forma:

O capitalismo engendra relações de produção não-capitalistas como recurso para garantir a sua própria expansão, como forma de garantir a produção não-capitalista do capital naqueles lugares e naqueles setores da economia que se vincu-

¹² WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p.257.

¹³ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p.257

¹⁴ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p.258.

¹⁵ Esta discussão encontra-se aprofundada em ETGES, Virginia E. Geografia Agrária – a contribuição de Leo Waibel. Santa Cruz do Sul:Edunisc, 2000.

*lam ao Modo Capitalista de Produção através das relações comerciais. A primeira etapa da expansão do capitalismo é a produção de mercadorias e não necessariamente a produção de relações de produção capitalistas. O processo que instituiu e define a formação econômico-social capitalista é constituído de diferentes e contraditórios momentos articulados entre si: num deles temos a produção da mercadoria e a produção da mais-valia organizados de um modo caracteristicamente capitalista, dominado pela mais-valia relativa; num outro temos a circulação da mercadoria subordinada à produção; num outro temos a produção subordinada à circulação. Mas esses momentos estão articulados entre si num único processo, embora possam estar disseminados por espaços diferentes.*¹⁶

As palavras de Luxemburgo também são esclarecedoras neste sentido:

*O processo de acumulação de capital está ligado por suas relações de valor e materiais: ao capital constante, ao capital variável e à mais-valia e às formas de produção não capitalistas. As últimas formam o meio histórico daquele processo. A acumulação do capital, porém, não pode ser explanada sob a hipótese do domínio exclusivo e absoluto da forma de produção capitalista, já que sem os meios não capitalistas, torna-se inconcebível em qualquer sentido.*¹⁷

Na realidade, é neste contexto que se deve analisar e compreender a motivação que fez com que levas de europeus atravessassem o oceano, em direção a um "mundo desconhecido". De fato, as circunstâncias que explicam a imigração de europeus para o Brasil no século passado, são por um lado, as transformações pelas quais passava a sociedade brasileira no século XIX e, por outro, a situação vivida nesse período pelos países europeus, especificamente aqueles donde vieram a maioria dos imigrantes. Nestes a emigração foi provocada pelo processo de transição do Modo Feudal de Produção para o Modo Capitalista de Produção, que gerava população excedente, resultante das transformações das relações de produção e dos processos técnicos de trabalho.

Sendo assim, a expansão do capitalismo em âmbito internacional é que associa essas duas realidades, aparentemente distintas, como situações complementares de um mesmo processo. Segundo Paul Singer,

*a imigração alemã se realizou num mundo que se estava tornando cada vez mais capitalista no qual ia se constituindo um mercado internacional de trabalho (...). A transferência de capital do centro do mundo capitalista à sua periferia precisava ser acompanhada de mão-de-obra para fecundar esse capital e permitir que ele se multiplicasse.*¹⁸

¹⁶ MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. São Paulo. Ed.Ciências Humanas. 1979. p.21.

¹⁷ LUXEMBURGO, Rosa. A Acumulação do Capital. 3ªed. Rio de Janeiro. Zahar. 1983. p.314.

¹⁸ SINGER, P. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo. Ed.Nacional. 1968. p.88.

Portanto, o desenvolvimento do Modo Capitalista de Produção, na sua etapa monopolista, deve ser entendido como

*um processo contraditório de reprodução ampliada do capital, ou seja, que o Modo Capitalista de Produção não está circunscrito apenas e tão somente à produção, mas também à circulação de mercadorias, à troca de mercadorias por dinheiro e de dinheiro por mercadorias. Isso decorre do fato de que o Modo Capitalista de Produção não é na essência um modo de produção de mercadorias no seu sentido restrito, mas sim, modo de produção de mais-valia. Assim, esse processo contraditório de reprodução capitalista ampliada do capital, além de redefinir antigas relações, subordinando-as à sua reprodução, engendra relações não capitalistas igual e contraditoriamente necessárias à sua reprodução.*¹⁹

Estas colocações nos levam a concluir que a realidade aqui produzida foi aquela que melhor atendia aos interesses do capital.

Entretanto, voltando à obra de Waibel, é necessário que se diga que a relação que o mesmo faz entre sistemas agrícolas, uso intensivo e extensivo da terra e tamanho das propriedades nos remete a uma discussão muito séria, que não é feita pelos órgãos competentes. Trata-se da "política agrícola", que deveria atender às particularidades regionais existentes no quadro agrário brasileiro. Neste sentido, as observações de Waibel são muito pertinentes:

Se se deseja formar uma opinião sobre como se devam colonizar futuramente as áreas desabitadas do Brasil, é preciso saber-se antes quais foram os métodos e princípios empregados na colonização já realizada.

As especulações acerca das possibilidades de colonização um país baseadas somente nas condições físicas ficam inteiramente sem base, se não considerarem a evolução econômica e social das terras já colonizadas.

*Disso me convenci na primeira excursão ao interior do País, no sul de Goiás, para onde viajei a fim de estudar as possibilidades de colonização pelos europeus. Desisti então da idéia, e voltei minha atenção para o sul do Brasil, subtropical, onde a colonização européia teria conseguido grandes êxitos há mais de 120 anos. Isto, pelo menos, consta nos livros.*²⁰

Mais adiante Waibel explicita a sua preocupação em torno do tema, afirmando que:

No artigo sobre "Princípios da Colonização européia no sul do Brasil" reuni provisoriamente os resultados dos meus estudos e posso, por isso declarar aqui que a colonização do Brasil meridional pelos europeus está longe de constituir o grande êxito geralmente descrito na literatura. Três fatores são responsáveis por isso.

Primeiro: os colonos, entre os quais havia poucos agricultores experimentados, foram quase sempre fixados no sertão, afastados de qualquer centro urbano. Faltou-

¹⁹ OLIVEIRA, Ariovaldo U. A Pequena Produção Mercantil no Brasil. In: Encontro Nacional de Geógrafos, AGB/São Paulo. 1982. Anais. p.181.

²⁰ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p.315.

lhes com isso a possibilidade de colocarem os seus produtos e ao mesmo tempo de progredir econômica e culturalmente.

Segundo: só foram estabelecidas colônias em terras de mata, que permitiam a aplicação do sistema indígena da rotação de terras primitiva, o qual não compreende a criação de gado.

Terceiro: para este sistema extensivo, os lotes de 20 a 30 hectares, dados aos colonos, eram pequenos demais. O resultado era diminuição das colheitas e o êxodo dos colonos, especialmente nas áreas montanhosas.¹¹ⁿ

Valverde, quando perguntado sobre a importância da obra de Waibel no contexto da Geografia Agrária brasileira, respondeu prontamente: "é preciso que se retome um conceito muito importante trabalhado por Waibel aqui no Brasil, que é o de *minimale Ackennahrung*":

Diferente do significado de módulo rural, que é um conceito estático, *Minimale Ackennahrung* significa o tamanho médio que deve ter uma pequena propriedade de tipo familiar que, usando apenas a mão-de-obra da família, tem possibilidade de prosperar e não degradar o solo. Isso em função de várias coisas: por exemplo, o valor da cultura comercial que ele produz; o acesso ao mercado; as tarifas que ele paga; a fertilidade do solo; o sistema agrícola que emprega; o tamanho da família, entre outros, são fatores que existem e que em geral nossos agrônomos e economistas rurais não avaliam. E isso varia no Brasil, com dimensões de um continente, que tem necessariamente condições, não só naturais como sociais, que fazem com que o *Minimale Ackennahrung* varie de forma incrível. Evidentemente que no Rio Grande do Sul ele deve ser diferente para a região do Planalto, comparado com a região colonial e a Campanha.²²

É assim, portanto, que a importância da contribuição de Waibel à Geografia no Brasil se expressa: através dele geógrafos brasileiros tiveram acesso a um referencial teórico e a uma metodologia de trabalho que foi marcante naquela época e que nos motiva e nos desafia, sempre de novo, a recomeçar nosso trabalho, para que num futuro próximo possamos ter uma realidade mais digna e justa para uma grande parcela do povo brasileiro.

Para finalizar, cabe dizer ainda que viabilizar espaços de debate sobre as obras de autores que marcaram a produção do conhecimento é atribuição da academia, e como tais devem ser socializadas, para que a própria academia cumpra uma de suas principais atribuições, que é a de divulgar o conhecimento produzido.

²¹ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia ... p. 315-316.

²² Entrevista com o Prof. Orlando Valverde.